



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
JUNHO 2024

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Junho 2024, 3

Importações, 7

Apêndice A – Junho 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela VI – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela VII – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela IX – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela X – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela XII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XVI – Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIX – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XX – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Junho 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela X – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XIV – Importações nordestinas por estado
- Tabela XV – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVI – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XVIII – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Henrique Rocha Reis (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

REVISÃO ORTOGRÁFICA

2Designers

EDITORAÇÃO

Nando Cordeiro

Desempenho do Comércio Exterior Baiano – Junho 2024

As exportações baianas se mantiveram estáveis no primeiro semestre de 2024, alcançando US\$ 5,162 bilhões, com leve crescimento de 0,1% em relação ao mesmo período de 2023, quando atingiram US\$ 5,159 bilhões. O volume embarcado no semestre foi 10,7% inferior no comparativo interanual, mas foi compensado pela valorização dos preços dos produtos exportados que subiu em média 12,7%.

Com os resultados mensais oscilando bastante, junho fechou com vendas ao exterior de US\$ 718,8 milhões, com destaque para o segmento de cacau e derivados com vendas de US\$ 68,7 milhões no mês e incremento de 300%, e algodão com receitas de US\$ 37,4 milhões e crescimento de 147%, todos no comparativo interanual.

No semestre, o principal destaque pelo lado das exportações ficou por conta da valorização de produtos da indústria extrativa em 73,5% (minérios e metais preciosos), da indústria de transformação (10,3%) e dos agropecuários (6,1%), compensando boa parte da queda registrada no volume exportado, principalmente dos produtos industriais, que atingiu -16,7%. Houve valorização dos preços nas três categorias, com destaque para a indústria extrativa, com valorização de 73,5%.

O principal segmento da pauta de exportação baiana, a soja e seus derivados, manteve a liderança com 36,8% dos embarques, o equivalente a US\$ 1,13 bilhão (22% do total exportado pelo estado no semestre), mas recuou em 11,4% em comparação ao primeiro semestre de 2023, como consequência da redução dos preços, em média, em 16,3%. As cotações do grão entraram em rota descendente desde meados do ano passado, uma tendência que se manteve nos seis primeiros meses de 2024, reflexo das boas perspectivas para a safra 2024/2025 nos Estados Unidos.

Os melhores desempenhos também ficaram com segmentos da agroindústria, como o algodão, que cresceu 282%, o café e especiarias em 59% e os derivados de cacau em 82%, no comparativo interanual. Todos têm previsão anual de aumento na produção.

As exportações baianas para a China, principal destino dos produtos baianos, com 26,2% de participação, cresceram 14,2% no semestre, sempre calculado em relação ao mesmo período do ano anterior. As vendas totais para a Ásia também subiram 6,6%, em ritmo menor devido à redução dos embarques de derivados de petróleo.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-jun. – 2023/2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %
Exportações	5.158.826	5.161.664	0,06
Importações	4.739.328	5.548.443	17,07
Saldo	419.497	-386.779	-
Corrente de comércio	9.898.154	10.710.107	8,20

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5 jul. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Na mesma base de comparação, as vendas para a América do Norte também cresceram 2,5%, enquanto para a América do Sul e Mercosul caíram 21,7% e 28,7%, respectivamente. Para a União Europeia também foi registrado recuo de 2,7%.

Enquanto os EUA e seus aliados condenam o “excesso de capacidade” industrial da China e reagem com medidas restritivas e sobretaxas, aqueles que estreitam vínculos com a “fábrica do mundo” estão recebendo uma ajuda em seus esforços para domar a inflação.

Os preços ao produtor na China caíram 1,4% ao ano em maio, marcando o vigésimo mês seguido de declínio, segundo dados oficiais. É a maior sequência desde o período de 2012 a 2016. Esses preços mais baixos estão repercutindo no exterior – os embarques aumentaram, enquanto os preços das exportações caíram 14% desde o começo de 2013.

Os preços baixos estão diminuindo margens de lucro dos fabricantes chineses e alimentando as tensões comerciais com os EUA e outros países, mas também estão ajudando os bancos centrais de muitos países emergentes a conter as pressões inflacionárias. As economias que mais se beneficiam são aquelas que dependem mais fortemente de produtos chineses, especialmente de bens ligados ao mercado da construção, que tiveram as maiores quedas de preços.

E essa tendência não deverá mudar tão cedo. A China está presa num período de deflação – os preços ao consumidor subiram apenas 0,3% ao ano em maio – em meio à fraca demanda local e uma crise no mercado imobiliário, o que deixa as autoridades dependentes de vendas fortes no exterior para cumprir suas metas de crescimento. E a composição de seus clientes está mudando.

As vendas da China para as economias avançadas representaram cerca de 56% do total em 2023, abaixo de 63% de uma década atrás, com a proporção para os EUA caindo de 20% para 13% no período, baseados em dados do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os preços de importação e os preços ao produtor dos mercados emergentes geralmente estão correlacionados aos preços de exportação da China. Por conta disso, a deflação dos preços das exportações chinesas deve fornecer um impulso no esforço para levar a inflação de volta à meta nos países emergentes, como já acontece parcialmente no Brasil.

A degradação do setor imobiliário da China, e a redução do apetite por produtos que vão do vidro ao aço, levou os fabricantes a caçar clientes em outros países. Na Indonésia, por exemplo, os importadores estão conseguindo comprar máquinas mais baratas e em maior quantidade. A situação é parecida para os compradores de vidro chinês no Vietnã.

Enquanto alguns mercados emergentes se beneficiam desses preços mais baixos, a inflação continua persistente nos EUA e Europa, onde os governos aumentam as medidas protecionistas contra a inundação de produtos da China.

Depois de um aquecimento nos preços no início do ano, a inflação nos EUA desacelerou em maio pelo segundo mês seguido. A tendência, caso se mantenha, pode levar o FED a ficar mais perto de cortar sua taxa de juros, hoje no maior patamar em 23 anos.

Por consequência dessa instabilidade pela qual passa a economia chinesa, EUA, UE e outros países vêm acusando o país oriental de ter acumulado um excesso de capacidade de produção em vários setores, como resultado de uma política de crescimento baseado no investimento e na exportação. E argumentam que os chineses estão desovando esse excesso de produção nos mercados globais. Nos últimos meses, vários países, inclusive o Brasil, adotaram medidas para limitar a entrada de aço chinês. A China pouco tem feito para responder a essas preocupações dos parceiros.

Segundo a Global Trade Alert (GTA), entidade que monitora mudanças de regras comerciais dos países que afetam o comércio global, a China é de longe o principal alvo de medidas restritivas. Mas não é o

único. O número de medidas discriminatórias adotadas pelos países e que dificultam o comércio disparou a partir de 2020, por causa da pandemia, e segue em nível muito alto.

A tendência é bastante clara: os países estão cada vez mais recorrendo a medidas protecionistas, dificultando o comércio, e aqueles que podem adotam ainda medidas de apoio à produção local. É um mundo de comércio cada vez mais controlado, completamente diferente daquele que se imaginava no início deste século.

Ainda assim, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) estão todos prevendo uma forte recuperação nos fluxos globais de produtos este ano, após uma desaceleração em 2023, impulsionada por preços mais altos, taxas de juros em alta e demanda fraca.

A OCDE estima um crescimento no comércio global de bens e serviços de 2,3% este ano e de 3,3% em 2025, comparado a um crescimento de apenas 1% no ano passado.

Em seu último World Economic Outlook, o FMI também previu que o crescimento nos volumes do comércio global atingiria 3% em 2024. A OMC, que não fornece previsões para o comércio de serviços, espera que o comércio de bens aumente 2,6% em 2024, após uma queda de 1,2% no ano passado.

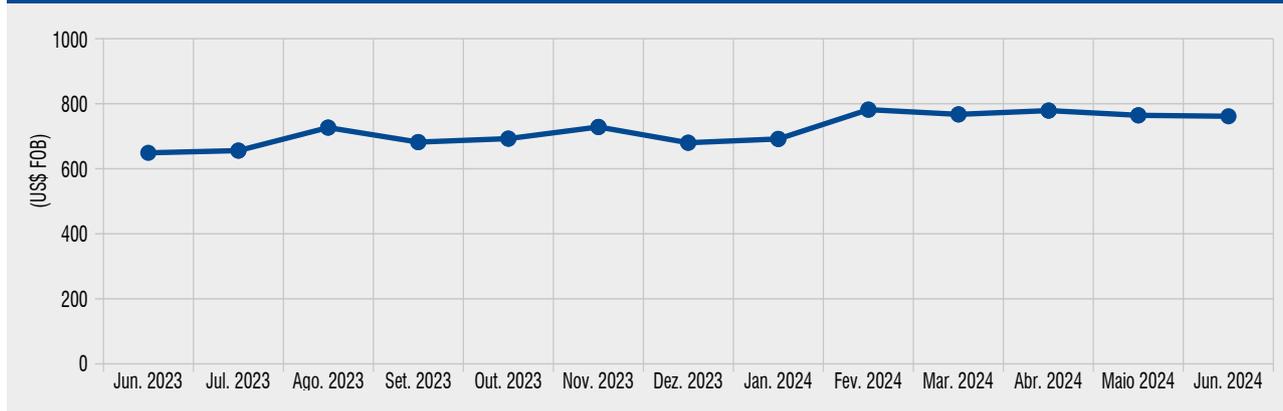
Apesar dos sinais positivos, não se espera que o crescimento do comércio global retorne aos níveis pré-pandêmicos este ano. Os volumes do comércio de bens e serviços cresceram a uma taxa anual média de 4,2% entre 2006 e 2015, segundo dados do FMI.

A OCDE, FMI e OMC alertaram sobre os riscos ao comércio causados por tensões geopolíticas, conflitos regionais e incertezas econômicas, com os governos se concentrando na segurança nacional, autossuficiência e apoio às empresas domésticas.

Segundo a OMC, os fluxos comerciais entre blocos de países geopoliticamente alinhados crescem 4% mais devagar do que o comércio dentro desses blocos, desde a invasão da Ucrânia pela Rússia.

A eleição nos EUA se soma à lista de incertezas sobre o comércio global no próximo ano. O ex-presidente

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – 2023-2024



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 17 jul. 2024
Elaboração: SEI.

Donald Trump, presumível candidato republicano, prometeu um aumento de tarifas de 10 pontos percentuais em todos os parceiros comerciais dos EUA se for reeleito, sugerindo penalidades ainda maiores sobre as importações chinesas.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado continuam subindo em relação ao mesmo mês de 2023, seguindo a tendência de alta registrada desde janeiro nesse comparativo. Eles tiveram incremento, na média, de 17,2% ante o mesmo mês do ano anterior, ficando, entretanto, 0,4% abaixo quando comparados ao mês imediatamente anterior. No semestre, comparado ao primeiro semestre do ano passado, o aumento médio foi de 12,7%.

Embora o primeiro semestre tenha sido palco de uma forte desvalorização do câmbio doméstico, com alta de mais de 15% do dólar contra o real, o desempenho do fluxo cambial comercial voltou a se destacar. De janeiro a junho, o exportador brasileiro trouxe para o país o valor recorde de US\$ 158,4 bilhões, o maior montante nominal para o primeiro semestre do ano desde 1982, quando teve início a série histórica do Banco Central sobre o câmbio contratado.

O descasamento entre o fluxo recorde de exportação a depreciação expressiva do real, na primeira metade do ano, pode ser explicado pela forte saída de dólares pela importação e pelo desempenho bastante negativo da conta financeira. No primeiro semestre, o fluxo cambial ficou positivo em US\$ 11,63 bilhões, abaixo do resultado visto nos últimos anos no mesmo período. Além disso, o elevado prêmio de risco embutido no câmbio pela incerteza fiscal pesou contra o real.

É bom também lembrar que a escalada no frete marítimo, devido às incertezas e perturbações que permanecem ocorrendo com a crise no Mar Vermelho, pressiona o fluxo comercial com a China.

Os custos mais altos do frete e os prazos de entrega mais longos também deverão levar ao aumento dos preços dos produtos importados e a possíveis atrasos na disponibilização de produtos nos mercados ocidentais este ano. Algumas empresas de transporte marítimo estão quebrando contratos de longo prazo para aproveitar as altas taxas no mercado à vista, segundo uma fonte do setor.

Com a perspectiva de imposição de novas tarifas pelos EUA, enquanto Joe Biden e Donald Trump promovem uma retórica protecionista, não está claro quanto tempo o “ciclo vicioso” vai durar.

Mesmo com os preços da soja negociados na bolsa de Chicago terminando o primeiro semestre deste ano em queda, o complexo (grão e derivados) permaneceu na liderança da pauta no acumulado do semestre, com embarques que totalizaram 2,52 milhões de toneladas. Isso representou um aumento de 5,8% frente ao mesmo período do ano passado, resultando em uma receita de US\$ 1,13 bilhão, 11,4% inferior a igual período de 2023, em decorrência da citada desvalorização do grão no mercado internacional.

As cotações entraram em rota descendente no ano passado, uma tendência que se manteve nos seis primeiros meses de 2024, em consequência, principalmente, das boas perspectivas para a safra 2024/2025 nos Estados

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-jun. – 2023/2024

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2023	2024			
Soja e derivados	1.276.035	1.130.733	-11,39	21,91	-16,27
Petróleo e derivados	1.256.477	982.212	-21,83	19,03	13,28
Papel e celulose	609.309	715.286	17,39	13,86	12,01
Químicos e petroquímicos	540.959	463.190	-14,38	8,97	0,09
Algodão e seus subprodutos	100.990	385.955	282,17	7,48	6,01
Metais preciosos	303.033	335.830	10,82	6,51	217,34
Minerais	212.843	305.213	43,40	5,91	99,97
Café e especiarias	87.654	139.439	59,08	2,70	-2,09
Metalúrgicos	207.251	116.869	-43,61	2,26	-38,36
Cacau e derivados	99.587	181.473	82,23	3,52	103,29
Borracha e suas obras	102.693	98.444	-4,14	1,91	11,72
Frutas e suas preparações	81.971	86.394	5,40	1,67	20,01
Calçados e suas partes	46.096	41.737	-9,46	0,81	16,11
Sisal e derivados	48.132	36.743	-23,66	0,71	3,23
Couros e peles	17.126	28.868	68,56	0,56	-24,80
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	9.343	24.188	158,87	0,47	18,49
Fumo e derivados	15.248	18.941	24,22	0,37	19,36
Carne e miudezas de aves	15.427	15.834	2,64	0,31	5,82
Milho e derivados	89.207	5.552	-93,78	0,11	-22,83
Demais segmentos	31.963	38.900	21,71	0,75	-7,14
Total	5.158.826	5.161.664	0,06	100,00	12,71

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5 jul. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Unidos. Mesmo em período de entressafra de produto nos EUA, o preço da *commoditie* recuou em Chicago no mês passado. O bom ritmo de plantio e as condições climáticas adequadas para a lavoura não abriram espaço para aumentos nas cotações.

Com isso, a soja acumulou queda de 12,26% no primeiro semestre, para US\$ 11,6205 o *bushel*.

Tanto a Conab como o IBGE projetam uma produção menor de soja este ano, de 0,4% e 3,1% respectivamente, num ciclo de baixa, apesar da maior área plantada. O rendimento, por sua vez, é menor este ano, por volta de -6,0% em relação à safra passada.

Acompanhando o bom desempenho da safra, tanto local como nacional, o algodão teve o maior incremento

de vendas no semestre, com vendas de US\$ 386 milhões e incremento de 282,2% no comparativo interanual. O volume embarcado foi de 203,2 mil toneladas, 260,5% superior ao primeiro semestre do ano passado. A produção física estimada pela Conab avançou 6,8%, enquanto que a área plantada tem previsão de crescimento de 10,7%. Entre os principais mercados do algodão baiano estão China, Bangladesh, Turquia e Vietnã.

Nacionalmente, o Brasil se tornou o maior exportador de algodão do mundo. O feito aconteceu devido ao desempenho da safra 2023/2024, com a colheita de mais de 3,7 milhões de toneladas.

Esta é a primeira vez que o país consegue o feito. Com a grande safra, até mesmo o gigante Estados Unidos foi superado.

Importações

As importações baianas no semestre alcançaram US\$ 5,55 bilhões, 17,1% acima de igual período do ano passado. O crescimento da importação foi puxado por combustíveis e por bens de consumo. Em volume, a entrada de bens aumentou 30,8% na mesma base de comparação.

Em junho, pelo quinto mês consecutivo, as importações registraram crescimento, desta vez de 29,1%, atingindo US\$ 819,3 milhões.

A alta da importação reflete a atividade mais forte nos primeiros meses deste ano, e fundamenta para cima as projeções de investimento para o segundo semestre de 2024. Entretanto, parcela importante do aumento das importações se deve ao aumento das compras de combustíveis, principalmente petróleo bruto, nafta e gás natural liquefeito. A queda de preços em outro setor importante na pauta de importação, os fertilizantes, não impediu o aumento dos desembolsos em 1,04%. Por outro lado, o volume desembarcado cresceu 47,5%, sobretudo oriundos da Rússia.

Ao contrário do que foi registrado nas exportações, os preços médios dos produtos importados caíram

10,4% no semestre, enquanto o volume de compras aumentou 30,8%.

Com os resultados do primeiro semestre, o saldo comercial do estado no período chegou a um déficit de US\$ 386,8 milhões, contra um superávit de US\$ 419,5 milhões no mesmo período do ano passado. Já a corrente de comércio atingiu US\$ 10,7 bilhões, também com incremento de 8,2% no comparativo interanual.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-jun. – 2023/2024

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	2.927.533	2.800.107	-4,35	50,47
Combustíveis e lubrificantes	1.494.259	2.441.747	63,41	44,01
Bens de capital (BK)	242.753	229.816	-5,33	4,14
Bens de consumo (BC)	74.128	76.225	2,83	1,37
Bens não especificados anteriormente	656	547	-16,63	0,01
Total	4.739.328	5.548.443	17,07	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5 jul. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

